

MARISTELA NUNES DE MENESES MORAIS



## FÉ E RAZÃO EM SANTO AGOSTINHO

30751  
saori

Tombo nº.	7123
Classif.:	
Ex.:	1
Origem:	d
Data:	28.02.03

MARISTELA NUNES DE MENESES MORAIS

## **FÉ E RAZÃO EM SANTO AGOSTINHO**

Trabalho apresentado à FACER  
como requisito parcial a  
Disciplina Dissertação Filosófica  
II, para fins avaliativos do  
professor Paulo Henrique  
Castanheira Vasconcelos.

## **AGRADECIMENTO**

Primeiramente a Deus, meu grande e verdadeiro amigo, de todas as horas e momentos, pois foi Ele que me trouxe a este mundo para que cumprisse minha missão. DEUS, obrigado por tudo.

A minha mãe, irmãos, e toda minha família que torceram muito para que eu chegasse até aqui.

Aos professores: Pe. José Neto, José Jivaldo, Pe. Marcos Antônio, Aureliza, Rosângela, Marcelo, Décio, Barbalho, Evaldo, Otacílio, Paulo Henrique, Neiva, Catarina, Míriam, Ana Kelly, Marisa, Fernanda, e Helena cada um com seu jeito especial

E em especial ao professor ENILTON CAIANA, que foi meu orientador na realização desta monografia, sempre atencioso e dedicado.

A todos os funcionários da FACER, representados pela Senhora Zita Pires (Diretora), Dom Carlos e Cooperados que tiveram a brilhante idéia de criar uma Faculdade pensando no progresso educacional e num futuro melhor para todos.

Ao meu esposo que me acompanhou em todos os momentos desta caminhada, e aos meus filhos que com paciência souberam compreender meu esforço e minha ausência à eles o meu eterno amor.

Tudo que fiz até hoje, posso dizer que VALEU A PENA.

## **MENSAGEM**

O dia mais belo? Hoje  
A coisa mais fácil? Errar  
O maior obstáculo? O medo  
O maior erro? Abandono  
A raiz de todos os males? O egoísmo  
A distração mais bela? O trabalho  
A pior derrota? O desânimo  
Os melhores professores? As crianças  
A primeira necessidade? Comunicar-se  
O que mais lhe faz feliz? Ser útil aos demais  
O maior mistério? A morte  
O pior defeito? O mau humor  
A pessoa mais perigosa? A mentirosa  
O sentimento mais ruim? O rancor  
O presente mais belo? O perdão  
O mais imprescindível? O lar  
A rota mais rápida? O caminho certo  
A sensação mais agradável? A paz interior  
A proteção efetiva? O sorriso  
O melhor remédio? O otimismo  
A maior satisfação? O dever cumprido  
A força mais potente do mundo? A fé  
As pessoas mais necessárias? Os pais  
A mais bela de todas as coisas? O amor  
O fundamento de tudo? DEUS.

( Madre Tereza de Calcutá

## **DEDICATÓRIA**

Dedico esta monografia ao Pe. Joaquim José Neto, pessoa iluminada por Deus, que tem um carisma muito especial e é conhecedor do assunto, pessoa humilde que transmite paz, amor e segurança as pessoas, pois ele tem um dom especial, o qual tenho certeza que já viveu muitos momentos profundo de fé.

À ele eu deixo meu muito obrigado por tudo, e que Deus o ilumine cada vez mais e dê forças para que continue nesta caminhada difícil mais ao mesmo tempo gratificante.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	01
I- MOMENTO .....	02
1. Vida e Obra .....	02
1.2. As Principais Obras Literárias Foram: .....	06
II- MOMENTO .....	07
2. O FILOSOFAR NA FÉ .....	07
III- MOMENTO .....	18
3. RAZÃO E FÉ: A PROCURA DA FELICIDADE .....	18
IV- MOMENTO .....	22
4. A RELAÇÃO ENTRE A FÉ E A RAZÃO .....	22
V- MOMENTO .....	29
5. CONCEITOS DE FÉ E RAZÃO .....	29
CONCLUSÃO .....	34
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	39
BIOGRAFIA DO ALUNO .....	41

## **INTRODUÇÃO**

Este tema trata propriamente da relação entre Fé e Razão, no pensamento de Santo Agostinho, acompanhando nossa realidade. Em sua concepção central a relação entre fé e razão, mostrando que sem a fé a razão é incapaz de promover a salvação do homem e de trazer-lhe a felicidade.

A fé pode ser considerada como algo de mais importante na vida de Santo Agostinho, pois para ele a filosofia é produto da razão, e acreditando assim seria um dos caminhos a se chegar até a felicidade, quando se converteu deixou tudo de lado para viver este momento tão sublime em sua vida.

O mais importante é o fato de se conhecer e viver esse momento de fé, de reflexão e de encontro com o Pai, através da fé. Só Deus é capaz de preencher, de alegrar, e de compreender os momentos de nossas angústias, pois Ele é verdade, é paz, amor, caridade e felicidade.

Este trabalho propõe-se a analisar a possibilidade da interação entre fé e a razão no pensamento filosófico de Santo Agostinho. Na seguinte forma: o primeiro momento trata-se da vida e suas principais obras, o segundo Filosofar na Fé; o terceiro: Razão e Fé a procura da felicidade; quarto: A Relação entre Fé e Razão; o quinto trata-se de alguns Conceitos de Fé e Razão e por fim alguns anexos.

## **I- MOMENTO**

### **1. Vida e Obra**

Em 13 de novembro de 354 nascia Aurélio Agostinho em Tagaste, atual Argélia, província romana da África do Norte. Seu pai era pagão mas converteu-se pouco antes de morrer. Sua mãe é Santa Mônica.

Agostinho inicia seus estudos aos sete anos: fez os primeiros estudos em Tagaste (hoje Souk-Aras), em Madaura, e depois foi enviado para Cartago para receber educação liberal. Isto foi possível graças a ajuda de Romaniano, um amigo de seu pai.

Aos 19 anos de idade, leu o Hortensius de Cícero (hoje só temos fragmentos), que era um elogio a filosofia. Esta leitura despertou-lhe o desejo de maior conhecimento. Cícero não recomendava nenhuma escola filosófica, mas a filosofia enquanto tal, e a busca da sabedoria em si mesma.

Procurou a sabedoria nas Escrituras Sagradas, mas estas, naquele momento, não corresponderam ao ideal despertado pela leitura de Cícero. Então, adere ao dualismo maniqueísta. Esta doutrina faz do mal um princípio ontológico rival do Bem. Os maniqueístas ensinavam a existência de dois princípios: o do bem e o do mal, o da luz e o das trevas.

Como na sua juventude, Agostinho só pensava em prazeres e sucesso materiais, era rebelde, inconformado e descrente acabou tendo uma ligação amorosa. Mas não podia casar-se devido os padrões da época. Ele pertencia aos honestiores, que eram considerados superiores, e não podiam casar-se com

pessoas das camadas mais baixas. Mas este amor lhe proporcionou um filho que recebeu o nome de Adeodato.

Com o falecimento de seu pai, Agostinho abre uma escola em Tagaste, para ensinar gramática e retórica. Neste período Agostinho é maniqueísta e sua personalidade sedutora leva muitos amigos a crer na fé maniqueísta. Mas logo depois transfere-se para Cartago e abre outra escola de história com a ajuda de Romaniano. Os rendimentos permitiam a Agostinho sustentar sua mulher, seu filho e sua mãe. Fica oito anos em Cartago, mas não fica satisfeito.

Como os alunos eram pouco interessados e indisciplinados, Agostinho parte para Roma na esperança de encontrar alunos mais calmos mas maus pagadores. Também o decepcionam, pois quando chega a hora do pagamento eles mudam de professor. Por isso ficou pouco tempo em Roma e logo partiu para Milão para ocupar o cargo de professor de Retórica.

Este cargo estava vago e para ocupá-lo Agostinho realizou uma prova, uma espécie de concurso. A prova foi o desenvolvimento, diante do prefeito Anneo Símaco, de um tema que fora proposto. Nesta época, Agostinho já havia abandonado o maniqueísmo e freqüentava a Academia platônica. Não obteve respostas suficientes, e logo depois conheceu os discípulos de Plotino ( 205 –270) , o qual era marcado por um platonismo de caráter místico religioso. O neoplatonismo permitiu a Agostinho, uma mudança muito grande em sua vida, pois os questionamentos o levaram à conversão.

Para que chegasse a conversão , Agostinho, além dos livros platônicos, lerá também as cartas de São Paulo. Seu espírito comovido se abre a novos horizontes. Esta leitura, juntamente com os sermões de Santo Ambrósio, fez com que Agostinho desvelasse um sentido mais profundo nas Sagradas Escrituras.

Resolve então confessar suas angústias com o sacerdote Simpliciano, em que sucederia Ambrósio na sede de Milão. Agostinho conta que leu os livros platônicos e as obras de Mário Victorino. Com isso Simpliciano aproveitou para narrar-lhe a conversão de Mário Victorino. Este era africano, como Agostinho, e sua fama foi tão reconhecida que mereceu uma estátua no fórum romano. Embora famoso e reconhecido por todos, renunciou à sua cátedra e fez-se batizar.

Não contente com isso queria até fazer confissão pública de sua conversão e batismo, mas o bispo dispensou Victorino de tal rito. Agostinho fica muito sensibilizado com esta história contada pelo sacerdote.

Em Milão, Agostinho começa a freqüentar os sermões de Ambrósio, bispo da cidade, com interesse puramente literário. Mas já contando 32 anos de idade, quando chorava nos jardins de sua residência, pois ainda estava deprimido e à procura de um sentido para sua vida, ouve uma voz de criança a cantar: “toma e lê, toma e lê”. Ao levar os olhos, viu um livro sobre a mesa e abriu-o por acaso, e leu:

“Não caminheis em glotonarias e embriaguez, não nos prazeres impuros do leito e em leviandades, não em emulações, mas revesti-vos de Nosso Senhor Jesus Cristo, e não cuideis da carne com demasiados desejos”(Rm. 13,13).

E o próprio Agostinho nos conta: não quis ler mais, nem era necessário. “Apenas acabei de ler estas frases, penetrou-me no coração uma espécie de luz serena, e todas as trevas da dúvida fugiram” (Conf. VIII, 12, 19).

Esta passagem abriu-lhe o coração e Agostinho dissipou todas as suas dúvidas. Após a conversão, Agostinho ainda lecionou por mais duas semanas até aproximar-se as férias. Mas, terminado o curso, renunciou à cátedra, e também ao matrimônio ( sua mulher retirou-se para um convento), para dedicar-se plenamente a Deus.

No mês de setembro de 386, seu amigo Verecundo ofereceu-lhe uma espécie de chácara em Cassiciaco a 30 km de Milão. Ali Agostinho formou um grupo para dedicar-se aos estudos, oração e ao diálogo para preparar-se para o batismo. O grupo era formado por Alípio, Licêncio, Trigêncio, seus dois primos Lastidiano e Rústico, seu irmão Navígio, o filho Adeodato e sua mãe Mônica.

Em Cassiciaco Agostinho escreve os primeiros livros que são frutos da meditação e do diálogo com os amigos. Neste período escreveu: *Contra os Acadêmicos* ( escrito em 386, em três livros). Refuta exhaustivamente o ceticismo. Examina o conceito de sabedoria no primeiro livro, expões a doutrina dos acadêmicos no segundo e no terceiro, traz uma negação à mesma doutrina. *A vida feliz*, redigido também em 386, após a conversão de Agostinho, é constituído por três colóquios com um pequeno grupo de parentes e discípulos.

Agostinho, seus amigos e sua mãe decidem voltar a Tagaste. Mas sua mãe adoece e no “nono dia da doença, aos cinqüenta e seis anos de idade, e no trigésimo terceiro de minha vida, aquela alma piedosa e santa libertou-se do corpo”. ( Conf. IX, 11,28).

A morte de sua mãe e um perigoso temporal retardaram o retorno para a África e Agostinho permaneceu mais um ano em Roma. Neste período inicia sua polêmica contra os maniques e escreve: sobre a potencialidade da alma.

No outono de 388 Agostinho retorna para a África e vende todos os seus bens e funda uma comunidade monástica.

Em 391, ao ir à igreja de Hipona (hoje Annaba), a basílica da Paz, o bispo Valério propôs à assembléia a escolha de um coadjutor para as funções sacerdotais. Imediatamente o povo gritou: “Agostinho presbítero!”. Então aos 36 anos, foi ordenado presbítero. Agostinho agora novo sacerdote entra em debate público contra o maniqueu Fortunato, que era conhecido e tinha fama de entendido e eloqüente.

O bispo Valério, já idoso, solicitou ao bispo de Cartago a consagração de Agostinho. Como bispo coadjutor Agostinho é consagrado nos primeiros meses de 395. Mas em 396 morreu o bispo Valério e o sucede Agostinho na sede de Hipona.

Consagrado bispo, aos 41 anos de idade, vai desenvolver uma atividade muito intensa junto aos fiéis. Agostinho, pela manhã, celebrava a Eucaristia. Depois despachava os processos civis. Geralmente procuravam o bispo porque a justiça leiga era demorada e corrupta. Por isso as pessoas tinham maior confiança nos bispos.

Começa a redação de uma grande obra, a Cidade de Deus, que escreveu de 413 a 426 em 22 livros por causa da tomada de Roma por Alarico. Contém uma defesa do Cristianismo porque este era acusado pela ruína de Roma. Os 12 livros finais contém um tratado de teologia da história.

## **1.2- As Principais Obras Literárias Foram:**

O período de Cassiciano caracteriza-se pelos escritos de caráter filosófico: *Contra os acadêmicos*, *A Vida Feliz*, *A Ordem*, *Os Solilóquios*, *A Imortalidade da Alma* (este escrito em Milão), *A Quantidade da Alma*, escrito em Roma, em 388. Em Tagaste (388-391) foram compostas as obras *O Mestre e a Música*;

A sua obra-prima dogmático – filosófico – teológica é *A Trindade* (399-419);

A sua obra-prima apologética é *A Cidade de Deus* (413-427);

Os escritos exegéticos de maior destaque são: *A doutrina Cristã* (329-426), os *Comentários Literais ao Gênesis* (401-414), os comentários a *João* (414-417) e os comentários aos *Salmos*.

Das obras contra os maniqueístas, podem-se recordar: *Sobre os costumes da Igreja Católica e os costumes dos maniqueus* (388-389), *Sobre o livre-arbítrio* (388-391/395), *a verdadeira religião* (390) e *sobre o gêneses contra os maniqueus* (398).

Dentre os escritos contra os donatistas, recordamos: *Contra o Epístola de Parmeniano* (400), *sobre o batismo contra os donatistas* (401) e *contra Gaudêncio, bispo dos donatistas* (419/420).

Fazem parte dos escritos polêmicos antipelagianos: *O espírito e a letra* (412), *sobre a gesta de pelágio* (417) e *a graça de Cristo e o pecado original* (418).

Dois obras inauguraram gêneros literários novos: *Os confissões* (397), que são uma verdadeira obra-prima também do ponto de literário, e *as retratações* (426/427), em que Agostinho reexamina e retifica algumas teses contidas em sua produção anterior, que não estavam ou não lhe pareciam perfeitamente alinhadas a fé Cristã

## **II – MOMENTO**

### **2. O FILOSOFAR NA FÉ**

*O Homem é um animal diferente. Só ele tem consciência de si próprio e da realidade, pode refletir sobre isto, e também, agir sobre si, transformando-se, e sobre a realidade exterior, criando cultura e mudando as circunstâncias.*

*A investigação filosófica, pois consiste em tomar como objeto da consciência o próprio ato de consciência das coisas, é uma busca do significado imutável das coisas em si. Ela é uma atitude, um ato de reflexão e apreensão, metodicamente controlado.*

*Na filosofia aprendemos a analisar os elementos que compõem a existência do ser-no-mundo, isto porque há em nós uma inquietação existencial congênita. Ao filosofar, avivamos nossa própria luz interior, fazemos um exercício de aproximação e de encontro com o que é buscado. Há pois, o descobrimento e o diálogo, em busca do conhecimento, por isso, a filosofia é o conhecimento do conhecimento. Aí está a sua diferença com relação à ciência. Enquanto esta trata dos dados experimentais da realidade, a filosofia trata das idéias, conceitos ou representações mentais daquela mesma realidade.*

*O jovem Agostinho foi educado na mais crassa ignorância do cristianismo. Se bem que Mônica fosse indubitavelmente uma cristã exemplar e mulher prudente e enérgica, sua formação teológica era quase nula. Mas foi de sua virtuosa mãe que Agostinho recebeu as primeiras noções acerca de Deus, e este ponto é de capital importância para a compreensão de sua evolução espiritual.*

*A instrução religiosa de Agostinho, segundo o seu próprio testemunho, limitou-se ao seguinte: “Ouvira falar, ainda criança, da vida eterna, que nos é prometida, graças à humildade do vosso Filho e Senhor Nosso, descido até à nossa soberba. Fui marcado pelo sinal da cruz”.*

*Embora tivesse uma vaga idéia de Deus, foi só muito mais tarde que veio a conhecer o Deus do cristianismo, através da leitura das epístolas de São Paulo<sup>1</sup>.*

Embora Agostinho não conhecesse nada do cristianismo, tinha uma mãe que se preocupava em lhe ensinar o pouco que sabia, pois era fervorosa e acreditava muito em Deus, a partir daí Agostinho foi recebendo os primeiros ensinamentos sobre as coisas de Deus, foi quando começou a compreender melhor sua evolução para o lado espiritual e interessar-se mais pelas leituras espirituais, principalmente pela epístola de São Paulo.

A conversão e a fé em Cristo mudaram o modo de viver de Agostinho, abrindo-lhe novos horizontes para seu próprio pensar, estimulado e comprovado pela fé seu pensamento adquiriu uma nova estatura e uma essência. Nascia o filosofar-na-fé: nascia a “filosofia Cristã.”

A filosofia é, para Agostinho, apenas um instrumental auxiliar destinado a um fim que transcende seus próprios limites. Por isso muito vêm nele um teólogo e um místico e não propriamente um filósofo.

Santo Agostinho é um dos raros pensadores cristãos que os não-cristãos sabem pelo menos que existe e a quem concedem um lugar na evolução do espírito humano.

*A conversão com a conquista da fé, foi o eixo em torno do qual passou todo o pensamento de Agostinho, e constituiu o caminho de acesso para a sua compreensão. Somente na conversão é que se torna certa a fé, pois lhe é dada em dom por Deus<sup>2</sup>.*

Com a conversão Agostinho passou a viver a fé e foi tendo melhor visão das coisas de Deus, pois através de muitos momentos de reflexão percebeu que somente pela fé era possível para contínuas sua caminhada, pois podia sentir a presença de Deus em sua vida e ver o quanto é necessário.

Agostinho nunca pôs em dúvida a existência de Deus. Nenhuma problemática, nenhum ceticismo, e nem mesmo o estudo das opiniões discordantes dos filósofos puderam arrancar-lhe a convicção de que há um Deus. “Pois a

---

<sup>1</sup> ZILLES, Urbano, *Filosofia da Religião*, p. 142

<sup>2</sup> REALE, Giovanni & ANTISERI, Dário, *História da Filosofia: Antigüidade e Idade Média*, p. 434

existência de Deus é conhecida de todos os homens, com a possível exceção de alguns poucos que têm a natureza inteiramente corrompida, com esta ressalva, a humanidade é unânime em reconhecer um Deus criador”.

Mesmo Agostinho sendo do jeito que era, nunca se quer duvidou da existência de Deus. Todos nós seres humanos, independente de religião, sabemos e acreditamos em Deus, só que cada um tem seu jeito próprio, mas nós acreditamos num Deus que acolhe, que perdoa, que amo e que está pronto a nos ajudar hora que precisarmos

O que significa essa conversão?

Essa conversão é um acontecimento único, que por sua essência é diferente no seu sentido e na sua eficácia: consciente de ter sido atingido imediatamente pelo próprio Deus, o homem se transforma até na corporeidade do seu ser e nos objetivos que se propõe (...) juntamente com o modo de pensar, ,ida também o modo de viver.

Agostinho procura a Deus como quem sabe e ama o que busca, ainda que sem possuí-lo. Diz ele “Quando vos procuro, Deus meu, busco a vida eterna”.

Após a sua conversão, Agostinho dedicou-se inteiramente ao estudo da Sagrada Escritura, da teologia revelada , e à redação de suas obras, entre as quais têm lugar de destaque as filosóficas.

Agostinho considera a filosofia praticamente, platonicamente, como solucionadora do problema da vida, ao qual só o cristianismo pode dar uma solução integral. Todo seu interesse central está portanto, circunscrito aos problemas de Deus e da alma, visto serem os mais importantes e os mais imediatos para a solução integral do problema da vida.

Embora desvalorizando, platonicamente, o conhecimento sensível em relação ao conhecimento intelectual, admite Agostinho que os sentidos, como o intelecto, são fontes de conhecimento.

Para Santo Agostinho a fé não substituiu nem elimina a inteligência, pelo contrário, a fé estimula e promove a inteligência, ela é um modo de pensar assentindo, por isso, sem pensamento não haveria a fé, a inteligência não elimina a fé, mas fortalece e, de certo modo, a clarifica portanto, a fé e a razão são

complementares, a fé encaminha o homem para a razão, e a razão leva ao entendimento consciente.

A fé busca, a inteligência encontra. É por isso que profeta diz: “Se não crerdes, não compreenderéis.” A fé por ser uma atividade humana, exige a inteligência daquilo que se crê, e a razão guia o homem para tal compreensão. Com a razão o homem aproxima-se da verdade revelada e a faz sua.

A filosofia e as Ciências situam-se na ordem da razão natural, enquanto a fé, iluminada e guiada pelo Espírito, reconhece na mensagem da salvação a “plenitude” de “graça” e “verdade” que Deus quis revelar na história, de maneira definitiva, por meio do seu filho Jesus Cristo.” A fé que se fundamenta no testemunho de Deus e conta a ajuda sobrenatural da graça, pertence efetivamente a uma ordem de conhecimento diversa da do conhecimento filosófico.

O homem de fé não precisa da lógica nem da ciência. Basta-lhe a fé, quanto mais parecerem inaceitáveis à razão humana, tanto mais afirmações da fé são críveis e certas. A fé deve ser ajudada pela razão, cabendo aqueles que são dotados dos dons superiores do espírito e especialmente da palavra, da sabedoria e da ciência o cuidado de procurar as razões das suas afirmações.

Tudo que acontece no mundo, assim como suas histórias e diversas vicissitudes da nação realizadas, observadas, analisadas e julgadas através dos meios próprios da razão, ma isso jamais deixa a fé alheia a este processo, pois é a fé que aperfeiçoa o olhar interior, abrindo a mente para descobrir, no curso dos acontecimentos a presença operante da providência. “*A mente do homem dispõe o seu caminho mas o Senhor quem dirige os seus passos*”. (Carta Encíclica 16,9 ).

Razão e fé não são, para Justino, os dois pólos de um dilema, e sim duas etapas de um percurso que conduz o homem ao conhecimento e a contemplação de Deus.

Nós seres humanos somos dotados de razão e inteligência, estamos sempre buscando algo e lutando para alcançar aquilo que desejamos, jamais conseguiremos sem a ajuda do nosso criador, somente através da fé, de orações é que chegaremos onde queremos, pois sem Deus nada somos, nada temos, a fé é que nos impulsiona à realização de sonhos, a realização do espírito e da alma. “*O Senhor é quem dirige os passos do homem, como poderá o homem compreender o*

*seu próprio destino*". ( Carta Encíclica pág.25). O homem é tem seu destino traçado e é por Deus dirigido, mas para que ele possa compreender o seu próprio destino, deverá estar sempre ligado as coisas de Deus, como fazer isso? Através da palavra e dos ensinamentos, porque nossa vida é um mistério e Deus é a revelação deste mistério e para se chegar a revelação, devemos crer, assumindo um compromisso de fé para com Deus.

Deus assume o rosto do homem, deste modo, a verdade expressa na revelação de Cristo fazendo com que o homem e a mulher acolha como palavra para dar sentido à experiência. Pela fé, o homem presta assentimento a esse testemunho divino, isso significa que reconhece plena e integralmente a verdade de tudo o que foi revelado, porque é o próprio Deus que garante, portanto a fé, permite a cada um exprimir do melhor modo, a sua própria liberdade. No acreditar é que a pessoa realiza o ato, mais significativo da sua existência, de fato, nele a liberdade alcança a certeza da verdade e decide viver nela. É muito importante a filosofia na fé, a palavra de Deus destina-se a todo homem, de qualquer época e lugar da terra, e o homem por natureza é filósofo, pois é a filosofia que leva o homem a refletir, a buscar e a compreender e todas essas características fazem parte da fé, porque para se ter fé é necessário que nós estejamos sempre refletindo com nosso pensamento voltado exclusivamente para Deus, buscando compreender os mistérios Dele.

Segundo São Tomás de Aquino, ele coloca em primeiro lugar a harmonia que existe entre a razão e a fé, ele diz "A luz da razão e a luz da fé provém ambas de Deus" por isso, não se podem contradizer entre si. Ele reconhece que a natureza, objeto próprio da filosofia, pode contribuir para a compreensão da revelação divina.

Quando ele diz que a luz da razão e a luz da fé ambas provem de Deus, porem não podem contradizer-se, ele nos deixa claro que essa luz é o próprio Deus, e que só ele pode nos revelar aquilo que para nós é mistério, porque Deus é "verdade" e verdade não se contradiz.

*No pensamento de Santo Agostinho, o ponto de partida é a defesa dos dogmas (pontos de fé indiscutíveis) do cristianismo, principalmente na luta contra os pagãos, com as armas intelectuais disponíveis que provêm da filosofia helenístico-romana, em especial dos neoplatônicos como Plotino. Para pregar o novo Evangelho, é indispensável conhecer a fundo as*

*Escrituras, que só podem ser bem interpretadas através da fé, pois apenas esta ver ali a revelação de verdades divinas. Compreender para crer e crer para compreender, tal é a regra a seguir<sup>3</sup>.*

Tudo indica que, se o homem mutável, destrutível, é capaz de atingir verdades eternas, sua razão deve ter algo que vai além dela mesma, não se origina no homem nem no mundo externo, mas em Deus. Portanto, Deus faz parte do pensamento e o supera o tempo todo. Desse modo só pode ser achado e conhecido no fundo de cada um, no percurso que se faz de fora para dentro e das coisas inferiores para as coisas superiores. Outra contribuição decisiva é sua doutrina sobre a Santíssima Trindade. Para Agostinho a unidade das três pessoas é perfeita: não se podem separar, nem uma se subordina à outra, como defenderam Orígenes e Tertuliano, mas a natureza divina seria anterior ao aparecimento das três pessoas, estas se apresentam como os três modos de se revelar o mistério de Deus. Assim o homem recompõe nele próprio o mistério da Trindade e se vê feito á imagem e semelhança de Deus: se ele ama e se conhece dessa maneira, ele conhece e ama a Deus, conseqüentemente mais interior ao ser humano do que este mesmo.

A salvação do homem, na teologia agostiniana, é algo completamente imerecido e que depende tão só da graça de Deus; graça que, no entanto, se manifesta aos homens por meio dos sacramentos da igreja visível, católica. Importantes para a salvação, esses sacramentos compreendem todos os símbolos sagrados, como o exorcismo e o incenso, embora a eucaristia e o batismo sejam os principais para ele.

Uma das mais belas concepções de Santo Agostinho é a da cidade de Deus. Amando-se uns aos outros no amor a Deus, os cristãos, embora vivam nas cidades temporais, constituem os habitantes da eterna cidade de Deus. Na aparência, ela se confunde as outras, como o povo cristão com os outros povos, mas o sentido da história e sua razão de ser é a construção da cidade de Deus, em toda parte e todo tempo.

Os séculos IV e V. e, que Santo Agostinho viveu, foram uma época em que a filosofia perdera a confiança na razão e na possibilidade do conhecimento da verdade. Santo Agostinho foi, de certa forma, responsável por recuperar a certeza

---

<sup>3</sup> [www.mundodosfilósofos.com.br](http://www.mundodosfilósofos.com.br)

da razão, e isto, paradoxalmente, por meio da fé. Para ele, o conhecimento da verdade é um fato, como lhe pareciam demonstrar as relações matemáticas e lógicas.

*Restava-lhe saber como tal conhecimento é possível e o lhe daria sustentação. Tendo em vista que o homem e o seu intelecto são mutáveis e perecíveis, não poderiam ser eles os alicerces do conhecimento, pois para Santo Agostinho a verdade deveria ser uma, imutável e eterna, tal qual o Uno de Plotino, cuja obra, que de certa forma resume toda a tradição clássica da filosofia, o influenciou. Caracterizado por um esforço em munir a fé de argumentos racionais, em conciliar a fé a razão, o pensamento de Santo Agostinho será responsável por uma certa continuidade da tradição filosófica, mesmo ao introduzir-lhe uma noção de Deus alheia à filosofia de então. Santo Agostinho reflete sobre uma iluminação pela qual o espírito humano participa da verdade absoluta e a partir desta verdade só pode ser assegurada por algo que se coloque hierarquicamente acima dos homens e das coisas, ou seja, por Deus<sup>4</sup>.*

A luz da qual Agostinho cita é a luz interior. Ele esclarece que há três tipos de luz: a luz sensível e ordinária na qual vemos os corpos; que é a mente, mas esta também é criada. E a luz superior e imutável que não deve confundir-se com as anteriores. É por isso que Agostinho fala que Deus é o “Mestre interior.” Deus é a luz de nossa inteligência, essa luz não é Deus, mas é produzida por Deus.

Agostinho nos ensina que os objetos são vistos porque são iluminados pela luz do sol, e assim faz uma associação com as idéias que o intelecto aprende. Pois estes conceitos e as verdades científicas são iluminados por Deus. Logo, Deus é, para nosso intelecto, o que o sol é para nossos olhos, o sol é fonte de luz e Deus é fonte da verdade.

Deus atua em nosso intelecto nos fazendo refletir antes de tomarmos qualquer decisão, somos seres racionais desde que nascemos, mas só através de Deus atuando sobre nós é que colocamos o nosso intelecto em prática, por que Ele é fonte de verdade, só através Dele é que chegaremos a ela. Deus nos deu tudo que temos de fato, principalmente a vida, Ele nos fez homens e mulheres para que procuramos viver em comunhão uns com os outros, nos deu inteligência para que com ela saibamos compreender tudo que se passa em nossas vidas, buscando

---

<sup>4</sup> [www.mundodosfilosofos.com.br](http://www.mundodosfilosofos.com.br)

sempre agir da melhor maneira possível, nos fez seres capazes de sermos livres a ponto de sabermos escolher o que é melhor para nós; fez criaturas simples e de coração puro para que através da fé procurarmos a ele como primeiro e único Salvador. Só através dele é que as coisas poderão mudar para melhor, pois além, de ser nossa “verdade” ele é também a nossa “Esperança”. Ele nos mostra dois caminhos o do bem e o mal, dois cada um de nós escolher o melhor caminho a ser seguido.

Santo Agostinho tem também atitudes teoréticas como, por exemplo, quando afirma que Deus, fim último das criaturas, é possuído por uma ato de inteligência. A verdade não de razão, hábito conforme à razão, como dizia Aristóteles, mas uma ordem de amor. Agostinho tem, além de um interesse teológico, também um interesse filosófico, porquanto se trata de conciliar a causalidade absoluta de Deus com o livre arbítrio do homem.

*Sempre ouvimos dizer e sempre de novo lemos em nossos livros espirituais que a vida do cristão na terra é vida de fé, vida na fé. Que é a fé que salva e que sem ela ninguém pode agradar a Deus. Por intermédio de Seu filho, o Pai faz-nos saber coisas e realidades que estão acima da limitada capacidade intelectual do homem<sup>5</sup>.*

Nós, mesmo que não queremos, somos pecadores, estamos sempre pecando em palavras, pensamentos e atos. Isso já é próprio do ser humano, e recebemos de nossos pais os primeiros ensinamentos de nossa vida que é a palavra de Deus mesmo que não seja ao pé da letra, mas é o essencial para procurarmos viver na fé. Aprendemos que Deus foi quem nos criou, que não devemos fazer isso ou aquilo porque não agrada a Deus, que devemos ir a Igreja, etc. devido a tantas coisas que acontecem neste mundo, vivemos sempre no pecado e disso só estaremos salvos através de nossa fé, de crermos e de pedirmos sempre a Deus que tenha compaixão de nós e nos livre de todo o pecado. E qual maneira mais correta para que consigamos chegar um pouco mais próximos de Deus Se não através da fé?

---

<sup>5</sup> Frei Ademar, *Maturidade Psicológica e Religiosa*, p. 135

*Não pode chamar-se cristão quem não aceita a revelação divina, quem não acredita ter-se Deus dirigido aos homens, falando-lhes primeiro no Antigo Testamento patriarcas e profetas, e a seguir, no novo Testamento, por seu filho unigênito Jesus Cristo, nosso Divino Salvador. Por mais que os grandes sábios e filósofos refletissem, jamais poderiam ter chegado ao conhecimento exato das verdades reveladas por Deus. Muitas delas são de tal modo sublimes que mesmo agora, uma vez feita a revelação, não as compreendemos. Aceitamo-las, porém, como convém às criaturas, com profunda humildade e com imensa gratidão para com Deus que no-las revelou.*

*Com outras palavras poderíamos também dizer que a fé é luz ou graça vinda do céu a exigir da nossa parte uma resposta livre, aceitando aquilo que Deus diz por seu filho e pela Igreja<sup>6</sup>.*

Essas aceitação teria que ser completa de alma e coração, pois muitos procuram à Deus somente nos momentos de tristeza como solução dos problemas e pronto, mas Deus não quer só isso de nós, ele quer participar de nossa vida ativamente nos momentos bons e nos ruins, o que nos falta é aceitá-lo por completo em nossa vidas.

A pessoa religiosa sabe que sua própria vida, as vezes tão sem encanto, tão cheia de lutas e decepções, reveste-se de um significado profundo, pois em virtude do conhecimento adquirido pela fé ela compreende que vale a pena viver, que vale a pena lutar e sacrificar tudo neste mundo, para ser achada digna do prêmio da vida eterna. Eis o que lhe ensina a fé.

Por maior que seja as dificuldades que enfrentamos em nossa vida, pelas decepções que passamos e por tantas tristezas vividas, quando temos fé e acreditamos que Deus tudo pode, tudo isso torna-se pequeno e banal; porque aquele que busca a Deus todos os dias de sua vida, através de suas orações e de sua fé encontra uma paz de espírito imensa que faz com que nossos problemas desapareçam.

*Essas pessoas terão, por isso, sentimento de gratidão profunda para com Deus que se lhe revelou e se mostra como pai amoroso, pai de bondade infinita, preocupado que está com ela e sua destinação eterna.*

*Eis o que significa ter fé e o que significa crer: aceitar de coração amoroso e pronto o que Deus nos diz*

---

<sup>6</sup> Frei Ademar, op. cit., p. 136

*por seu filho e pela Igreja, aderir totalmente a Deus, àquela que nos fala. Ter fé ou crer é o nosso encontro pessoal com Deus .*

*A fé tem grande extensão e admite vários graus de grandeza e dignidade, como se depreende da Sagrada Escritura. Nós temos que pedir em nossas orações a Deus a graça de aumentar nossa fé, para que esta fé cresça continuamente e se torne cada vez mais viva e esclarecida<sup>7</sup>.*

A Igreja cristã é chamada pelos teólogos comunidade da fé. Seus membros são fiéis, e a natureza de sua fé é determinada pela atitude que tem diante do mistério de Deus revelado em ante do mistério de Deus revelado em Jesus, o Cristo. A bíblia relata exaustivamente exemplos de fé, muito embora dê apenas uma definição formal dessa atitude: "A fé é a certeza de coisas que se esperam, a convicção de fatos que se não vêem". (hbr 11.1).

De acordo com a teologia cristã, a fé antes de qualquer coisa, é um estado do ser, significando algo mais do que mero assentimento intelectual a certas definições ou confiança nelas. É um estado em que o homem se envolve irresistivelmente com aquilo que espera, convencendo-se da realidade invisível por meio de experiência existencial profunda.

A fé, segundo a teologia cristã, não é experiência semelhante à magia. é uma atitude do ser humano com toda as limitações inerentes a esse estado. O homem salvo (para usar a linguagem da Igreja) é ainda finito e pecador. A comunidade da fé, onde o homem convertido passa a viver, participa também da limitação geral dos homens. É por isso que a figura mais característica dessa comunidade é a do cominho. A vida na fé deve ser entendida na perspectiva de uma peregrinação. Tanto a Igreja, enquanto entidade sociológica, como os seus membros dispersos no mundo, vivem pela fé, e só vivem pela fé porque não lhes é possível viver de outra forma. Viver em peregrinação e viver pela fé significam viver na direção de alguma coisa. Quem vive como quem prossegue num caminho, vive como quem não alcançou ainda o seu fim. Vive em esperança. A fé é, realmente, "a certeza de coisas que se esperam". A fé é quando eu desejo muito uma coisa e com muita fé e devoção eu peço a Deus, e alcanço aquilo que desejei. tudo que pedimos a Deus, pedimos através da fé que temos, pois acreditamos que ele nos atenderá.

---

<sup>7</sup> Frei Ademar, op. cit., p. 138

Devemos usar a fé como intermediário entre eu e o criador, e não a mesquinhez e a troca, pois tem muita gente que pede dizendo que fará algo em troca e deus não quer isso ele não precisa de nada, a não ser que aceitemos a deus de coração e que busquemos a ele através de nossa fé.

A história da filosofia cristã é a história das relações entre duas razões, o lógos humano e lógos divino. Em um primeiro momento, que corresponderia ao “creio, porque é absurdo, creio, ainda que absurdo”, atribuído a Tertuliano, a razão se subordina totalmente a fé, pois o critério supremo da verdade é o dogma, a revelação divina. A razão abdica de suas exigências próprias em favor de uma instância meta-racional, cuja autoridade não se discute. A razão é instrumento não de demonstração, mas de afirmação de fé.

O segundo momento desse processo é o compromisso, ou a tentativa de acordo, entre as exigências da razão, a qual se reconhece relativa autonomia, e as imposições do dogma que continua a ser a instância última da verdade. A teologia, tentativa de conhecimento racional de Deus, é o resultado desse compromisso em que a razão é utilizada como auxiliar da fé. Assim, em princípio, é possível demonstrar a existência e a natureza de Deus, a criação do mundo a partir do nada, a espiritualidade da alma, sua imortalidade.

Uma filosofia cristã deve originar-se sob a influência consciente da fé cristã.

A fé preserva a filosofia de muitos erros. Toda filosofia cristã rejeita contradizerem a verdade revelada. A fé traça à razão certos limites de caráter inviolável;

A fé propõe certas metas de conhecimento racional. Cabe a razão analisar e aprofundar as verdades reveladas, procurando descobrir-lhes um acessível saber natural, a fim de transformar as convicções religiosas em evidências racionais;

A fé determina a atitude cognoscitiva do filósofo cristão. Nela buscam a satisfação de suas necessidades intelectuais, e a resposta às questões mais decisivas da vida;

A fé determina o sentido do labor filosófico. Seus esforços visam a busca da verdade eterna, que é o próprio Deus.

### III- MOMENTO

#### 3. RAZÃO E FÉ: A PROCURA DA FELICIDADE.

O cristianismo não é uma filosofia. É uma religião revelada, ou seja, tem como origem a própria palavra de Deus. O evangelho não é um sistema de conhecimento intelectual, mas um saber de salvação que, para ser compreendido e aceito, não é necessário qualquer sistema filosófico. Mas, como a religião crescia cada vez mais, aqueles que possuíam toda uma cultura intelectual pagã, ou seja, aqueles que acreditavam os sistemas filosóficos greco-romanos, não queriam renunciar a esta cultura com a sua conversão.

*Começa então, um grande problema que é a revelação entre fé e razão, e que não é só deste período, mas se prolongará por todo período seguinte, o Escolástico, durante a Idade Média. Os Padres argumentavam que : a sabedoria pagã era obra da razão, e por isso também obra de Deus, logo ela pode ser utilizada a serviço da fé, surgindo assim uma filosofia cristã. O principal nome da Patrística é Santo Agostinho, que elaborou uma expressão muito conhecida "creio para que possa entender". Mas qual a relação entre razão, fé e felicidade tema tão querido para Santo Agostinho? É que para ele a motivação para a filosofia estaria na busca da felicidade. Ele afirma na sua obra A Cidade de Deus que "o homem não tem razão para filosofar, exceto para atingir a felicidade". Para Santo Agostinho a filosofia é produto da razão, e acreditando assim, seria um dos caminhos a se chegar até a felicidade, permitindo descobrir uma verdade, o homem terá uma vida feliz de acordo com que existe de melhor nele , como dizia São Tomás "A luz da razão e a luz da fé provém ambas de*

*Deus”, Deste modo, a fé não teme a razão, mas solicita-a e confia nela<sup>8</sup>.*

Santo Agostinho, juntamente com seus amigos, chega a conclusão de que aquele que deseja ser feliz, deve procurar um bem permanente, já que em nenhum instante podemos possuir aquilo que é passageiro e que não traria a felicidade., mas o único bem permanente seria a paz de espírito, a pessoa estar bem consigo mesma, mas infelizmente a felicidade permanente não existe, após fazer uma pesquisa entre pessoas de várias idades e vários locais diferente, pude observar que para eles a felicidade não existe, o que existe são momentos felizes, citaram muitos exemplos como: se estou bem com minha família, com meus filhos, se tenho um lar para morar, dinheiro, carro , saúde e outras coisas mais, estou feliz., mas esse tipo de felicidade para Santo Agostinho é uma felicidade passageira, mas felicidade . E felicidade é muito mais do que isso, é algo que nos transmite paz interior e tudo aquilo que preenche nosso vazio e nossas carências, ou seja, é tudo que nos completa e nos realiza.

Por esta razão é que ele fala muito sobre o livre arbítrio que é a liberdade como possibilidade, porque dependendo do que escolhemos, podemos ter uma vida feliz ou infeliz.

*Sendo assim, Santo Agostinho pergunta: “É Deus eterno e imutável?” (Vida Feliz II, 11), portanto conclui Agostinho “Quem possui a Deus, é feliz”. (Vida Feliz II,11). Através disso cabe a nós seres humanos nos conscientizar da importância de Deus em nossas vidas, cabe a nós sabermos que tudo e em tudo que fazemos Ele está, que sem Ele nada temos e nada somos, porque tudo que conseguimos e que nos traz felicidade mesmo que seja passageiro , vem através de Deus, pois nada acontece se Deus não quiser.*

*Santo Agostinho diz que devemos buscar a felicidade, o caminho e a sabedoria, porque através do conhecimento teremos mais instrução sobre a felicidade que é considerada como uma plenitude e não uma carência e assim seremos sábios, porque a sabedoria é considerada fonte de verdade, pois a verdade e a sabedoria que são o próprio Deus nos poderá levar a verdadeira felicidade. Mas aquele que ainda está á procura de Deus não é feliz. E aquele que por seus pecados se afasta de Deus, não tem um Deus favorável e não é feliz<sup>9</sup>.*

<sup>8</sup> SOUZA, José Zacarias de, Agostinho Buscador Inquieto da Verdade, p. 37

<sup>9</sup> SOUZA, José Zacarias de, op. cit., p. 43

Agostinho expõe sobre o conceito de sabedoria da vida, fundamentado nos estóicos, fala da posição do sábio frente aos bens materiais e quando diz que a felicidade se encontra na razão; e resume da seguinte forma: Ser feliz é não possuir nenhuma carência, é ser sábio. A sabedoria é a medida do espírito, sem esta medida a alma procura os prazeres, o orgulho, a ambição etc. ou se faltar cai em aflição, angústia. A sabedoria é sabedoria de Deus ou o filho de Deus; aquele que é feliz, possui conseqüentemente, a Deus..

A busca da sabedoria implica a busca do saber. Contudo, a sabedoria não eqüivale simplesmente ao saber, visto que nem todo saber conduz à felicidade. A sabedoria é a busca daquele saber que, por sua própria natureza, torna feliz a quem cultua. Não assim a “ciência”: esta visa algum outro fim, e não a felicidade.

*Agostinho dizia que quando procurava o “Deus” ele buscava a vida Feliz. Há uma maneira diferente de ser feliz, quando cada um possui a felicidade em concreto. Há quem seja feliz simplesmente em esperança. Estes possuem a felicidade de um modo inferior ao daqueles que já são realmente felizes. Mas, ainda assim, estão muito melhor que aqueles que não tem nenhuma felicidade, nem a sua esperança. Mesmo estes devem experimentá-la de qualquer modo, porque, no caso contrário, não desejarão ser felizes<sup>10</sup>.*

De certa forma a tendência do ser humano é de estar sempre feliz, ou de achar que qualquer coisa é motivo de felicidade, que “e a felicidade passageira que Santo Agostinho fala, mas é porque na realidade nós vivemos é de “momentos” felizes. Talvez por sermos fracos ou por não estarmos preparados ainda para aceitarmos que a verdadeira felicidade é “Deus”.

E como chegaremos a essa verdadeira felicidade? Através de nós mesmos, de nossas crenças, de nossa confiança, de nossas crenças, de nossa confiança e vontade, e de nossa fé, pois a partir do momento que aceitarmos Deus como o único e principal objetivo em nossa vida, seremos realmente felizes.

Cada um de nós traz consigo o sonho da felicidade. Não existe outra alternativa: viver é querer ser feliz. Os dias passam, os meses também, somam-se

---

<sup>10</sup> Santo Agostinho, Os Pensadores, p. 279

os anos, mas permanece conosco aquele desejo profundo, sonhamos com a realização, com a felicidade.

Deus quer a nossa felicidade. Foi por isso que ele nos colocou no mundo. Dotou-nos de inteligência e capacidade para que pudéssemos alcançá-la. Porém não definiu um caminho único. Deu-nos muitos caminhos e nos fez livres para escolhermos. A felicidade é o encontro da vontade de Deus com nossas buscas.

Todos nós nascemos com direitos e obrigações e um desses direitos e deveres é “sermos felizes” pois é uma das necessidades que o ser humano necessita, assim como o amor e a liberdade. Portanto, tudo que buscamos, que nos faz bem já é motivo para sermos felizes, mesmo que seja questão de momento.

Como é bom quando por algum motivo estamos chateados e alguém nos fala algo que nos levanta o astral, receber uma carta ou um telefonema de alguém distante, receber uma flor ou um presente sem ter uma data especial para isso, um sorriso inocente de uma criança, reunir com amigos num fim de tarde, ir para a Igreja, refletir a palavra de Deus, que tanto nos transmite paz, enfim, sabemos que tudo isso passa, menos a paz interior, quando estamos com Deus.

Tudo isso nos mostra o verdadeiro sentido da Felicidade, basta que saibamos escolher o caminho certo. Temos o caminho do mal e do bem, o ruim e o bom, cabe a nós trilhar o caminho certo, o da paz, da esperança e da verdade.

## **IV-MOMENTO**

### **4. A RELAÇÃO ENTRE A FÉ E A RAZÃO.**

Um dos cuidados que mais a peito tiveram os filósofos do pensamento clássico, foi purificar de formas mitológicas a concepção que os homens tinham de Deus. Os pais da filosofia tiveram por missão mostrar a ligação entre a razão e a religião. Eles estenderam o olhar para os princípios universais, deixando de contentar-se com os mitos antigos de contentar-se em dar fundamento racional á sua crença na divindade. As superstições acabaram por ser reconhecidas como tais, e a religião, pelo menos em parte, foi purificada pela análise racional.

O encontro do cristianismo com a filosofia não foi fácil nem imediato. Para os cristãos, a primeira e mais urgente missão era o anúncio de Cristo ressuscitado, que havia de ser proposto num encontro pessoal, capaz de levar o interlocutor á conversão do coração e ao pedido do batismo, isso não significa que ignorassem a obrigação de aprofundar a compreensão da fé e suas motivações; antes pelo contrário. Na realidade, o encontro com o evangelho oferecia uma resposta tão satisfatória a questão do sentido da vida, até então insolúvel, que freqüentar os filósofos parecia-lhes uma coisa sem interesse e, em certos aspectos, superada.

Clemente Alexandria chamava ao Evangelho “a verdadeira filosofia,” e, em analogia com a lei mosaica, via a filosofia como uma instrução propedêutica á fé cristã e uma preparação ao evangelho. Uma vez que a filosofia anela por aquela

sabedoria que consiste na retidão da alma e da palavra e na pureza da vida, está aberta a sabedoria e tudo faz para alcançar.

A influência do pensamento Agostinho foi decisiva na formação e no desenvolvimento da filosofia Cristã no período medieval, sobretudo na linha do platonismo. A razão coloca-se predominantemente em função da fé, a filosofia serve á teologia, para a interpretação da Escritura (exegese) ou para a construção doutrinária sistemática (dogmática). Não basta crer, é preciso também compreender a fé. E isso não se obtém somente interpretando os textos sacros ou mostrando suas possíveis implicações para a vida individual e comunitária dos homens, mas demonstrando com base na razão as verdades aceitas pela fé ou, pelo menos a sua validade ou a sua não –contra –ditoriedade com os princípios fundamentais da razão.

A utilização dos princípios racionais, primeiro platônicos e depois aristotélicos, era feita para demonstrar que as verdades da fé cristã não são diformes ou contrárias ás exigências da razão humana, que ao contrário, encontram nessas verdades a sua completa realização.

Hoje em dia não é popular a irracionalidade do homem moderno. Pelo fato de usar ele a palavra razão, pois a razão, pois a razão usada pelo homem hodierno, não é a razão clássica que descobre fins, propósitos e objetivos, é uma diminuição ou perversão da razão. No liberalismo histórico, a razão era usada para descobrir a felicidade e o prazer do indivíduo, no capitalismo, tornou-se uma razão técnica apenas aos meios de produção e aquisição de lucros. Para os totalitaristas, significa uma razão planejadora, que se esforça por introduzir ordem no caos criado por um capitalismo e um liberalismo que se divorciaram de seus objetivos.

Agora, que o filósofo está situado num ângulo do qual pode confrontar as modernas distorções razão com a razão clássica eis que surge o paradoxo: a razão é mais forte nos tempos de fé, não a fé supersticiosa, ou a credulidade cega, mas a fé que admite uma vida superior á da razão. Foi no século XIII que o racionalismo esteve mais forte . Assim como os sentidos trabalham melhor quando aperfeiçoados pela razão, assim também a razão trabalha melhor quando aperfeiçoada pela fé. Um homem temporariamente destituído da razão, como o bêbado, conserva os mesmos sentidos que possuía antes, mas estes não funcionam tão bem quando sob a direção e o controle racional. O que os sentidos são sem

razão, é a razão sem a fé. Apesar de a razão, sem a fé, poder ainda funcionar, muito depressa exaure-se-lhe a capacidade. Chega-se á conclusão de que a razão metafísica não é popular hoje em dia porque vivemos num estado de confusão mundial.

*O homem de fé não precisa da lógica nem da ciência. Basta-lhe a fé, quanto mais parecerem inaceitáveis à razão humana, tanto mais afirmações da fé são críveis e certas. A fé deve ser ajudada pela razão, cabendo aqueles que são dotados dos dons superiores do espírito e especialmente da palavra, da sabedoria e da ciência o cuidado de procurar as razões das suas afirmações<sup>11</sup>.*

Para Santo Agostinho a “razão” e a “fé” são iguais e necessárias para o homem que busca a verdade, pois a razão é o caminho para a fé, que se encontra no limiar das possibilidades racionais, e é o ponto de chegada e desafio permanente para o homem que busca aquilo que já , de certa maneira, conhece e ama. Ele diz que a parte superior da razão é atribuída à sabedoria, e a inferior, à ciência. É na procura inquieta da raiz de si mesmo que o homem encontra a Deus, a imagem do qual foi criado. E o encontro, por iniciativa de Deus, torna-se revelação! Então a procura transforma-se em fé.

*Fé e razão não somente não se opõem, como combinam. No ato da fé, Agostinho distingue três momentos: a preparação da razão, o ato da adesão à verdade na qual se deve acreditar e a penetração racional ou inteligência da verdade acreditada. Toda a doutrina e atitude de Agostinho diante da fé estão contidas nestas duas sentenças: “intelli ut credas, crede ut intellias”. Não significam que com a inteligência ou a razão natural se obtenha, sem mais nem menos a fé, e sim que a razão se deve dispor à fé com atos racionais: “compreender para crer”. Mas a verdadeira e plena inteligência do conteúdo da fé vem dada pela própria fé: “crer para poder compreender”<sup>12</sup>.*

A fé por ser uma atividade humana, exige a inteligência daquilo que se crê, e a razão guia o homem para tal compreensão. Com a razão o homem aproxima-se da verdade revelada e a faz sua.

---

<sup>11</sup> ZILLES, Urbano, Filosofia da Religião, p. 38

<sup>12</sup> SANTIDRIÁN, R Pedro, Breve Dicionário de Pensadores Cristãos, p. 11

Segundo Santo Tomás, quando fala do começo do mundo, fala que não se poderia provar pela razão, que o mundo começara no tempo, poder-de-ia sabê-lo apenas pela fé, já para Tindal, a razão natural do homem pode chegar ao conhecimento de todas as verdades da relação, a razão necessariamente, deve ser suficiente ao homem. Enquanto Kant, transferiu as verdades religiosas da esfera do conhecimento para o domínio da fé, e o problema de sua validade tornou-se o problema de seu valor. Foi uma justa posição da fé e da razão para crer, firmando que não poderia haver base racional para a crença em Deus.

Razão e fé não são, para Justino, os dois pólos de um dilema, e sim duas etapas de um percurso que conduz o homem ao conhecimento e a contemplação de Deus.

Segundo Tertuliano, a filosofia nada tem em comum com a fé, pois aquele é conhecimento racional do mundo e esta é mistério, dizia ainda que a filosofia só nascem heresias e os filósofos são "os patriarcas dos heréticos". Quem chegou à fé não precisa mais investigar racionalmente, porque esta procura precipitar os incautos pesquisadores diretamente da heresia.

Concluindo, Tertuliano diz que a relação entre razão e fé é antagônica e excludente.

*A razão é o caminho para a fé, que se encontra no limiar das possibilidades racionais e , é ponto de chegada e desafio permanente para o homem que busca a verdade. Mas a fé não é o "anegar-se" da alma no mar divino, como dizia Plotino, e sim o encontro inquietante como a verdade e com Deus que atrai sempre mais fortemente para o amor e a sabedoria.*

*Daí a fórmula complementar de Agostinho: A "razão" e a "fé" são igual e complementarmente necessárias para o homem que busca a verdade/Deus. Por isso, o problema de Deus aninha-se no próprio ponto de partida do filosofar. Nos Solilóquios, Agostinho é interpelado pela Razão.*

*À luz de João Scoto Erígena, não existe contraste ou conflito entre as verdades da fé e as verdades da razão, e sim acordo e complementaridade. A fé vem primeiro, mas a razão é, para o homem, igualmente necessária, pois com ela clarifica e entende os conteúdos da fé.*

*A proximidade com Agostinho é aqui bastante evidente: a fé é ao mesmo tempo, ponto de partida para novas investigações<sup>13</sup>.*

---

<sup>13</sup> ZILLES, Urbano, *Filosofia da Religião*, p. 43

A procura da verdade é tarefa de todo homem, os graus do saber são graus de nossa avaliação espiritual, que é a conquista de uma interioridade cada vez mais profunda: interiorizar-se para transcender-se. Filosofar é captar a verdade no interior, isto é alcançar o conhecimento da alma e de Deus. Esse é todo o objeto da filosofia: o homem e Deus (Solilóquios I, 7).

No princípio da interioridade está contida a prova da existência de Deus. Sabemos que para quem julga não há nada melhor do que aquele que acredita ser melhor. Existe no homem algo superior ou melhor do que a razão? Não, absolutamente. Pois bem, se existe algo superior à razão, necessariamente será algo que transcende o homem e a razão. Mas isto não apenas supera o homem, se não que, ao ultrapassá-lo, supera também qualquer outra coisa, por isso, o que está além não pode ser mais do que Deus. Isto é, se existe “um ser superior ao espírito, este ser é Deus”.

Santo Agostinho tem como mensagem aos homens que procuram a verdade, para que não percam a esperança de encontrá-la. “*Não saias de ti, mas volta para dentro de ti mesmo, a verdade habita no coração do homem*”. (Verdadeira Religião –39,72). Isto é, ensina-nos a superar o ceticismo através do retorno a si mesmo, onde habita a verdade. A superar também o materialismo, que impede à mente perceber a sua união indissolúvel com as realidades inteligíveis. (Retratações 1,8,2). O racionalismo, que negando a ajuda da fé se põe na condição de não entender o “mistério” do homem (Ep. 118, 5,33).

Nos ensina ainda que os pensadores devem se preocupar somente com dois objetos: Deus e o homem. E que devemos confiar no triunfo final do bem, onde haverá aquela cidade “onde a vitória é verdade, a dignidade, e a vida é eternidade”. (Cidade de Deus II, 29,2).

Agostinho recomenda aos homens da ciência a reconhecer nas coisas criadas o vestígio de Deus. Para os homens que têm em suas mãos os destino dos povos como governantes, ele recomenda que amem sobretudo a paz, e que a promovam, não com luta mas com os métodos da paz, e nos fala: “*é título maior de glória matar a guerra com a palavra, do que matar os homens com a espada, e conquistar ou manter a paz com a paz, não com a guerra*”. (Ep. 229,2).

Segundo João Paulo II, “a fé e a razão, constituem como que as duas asas pelas quais o espírito humano se revela para a contemplação da verdade. Foi Deus quem colocou no coração do homem o desejo de conhecer a verdade e, em última análise, de conhecer a ele, para que, conhecendo-o e amando-o, possa chegar também à verdade plena sobre si mesmo”(Carta Encíclica).

Todos nós buscamos a plenitude da vida, mas onde ela se encontra? A bíblia nos responde: Deus é vida plena e, graças ao seu amor por nós, ele deu sua própria vida através de seu filho encarnado. Os homens têm acesso à vida através da fé. E é a fé que acolhe o dom que Deus realiza em Jesus. É esta fé que faz experimentar desde já a vida eterna. Mas o que é a fé? E o compromisso com o testemunho que Jesus deu desde o batismo até sua morte. E quem desperta esse compromisso é o Espírito, que nos faz recordar, compreender e viver esse testemunho de Jesus, que dissipa todo egoísmo, mentira e morte. (Jo. 5,1-12).

Na questão do relacionamento da fé com a razão, há que considerar também o papel que desempenha aí a vontade. O intelecto dá assentimento ao objeto da fé através de um ato da vontade. A vontade, no caso, vem da abertura do ser ao que lhe é revelado. Para Santo Tomás, é pela vontade que o intelecto pronuncia “sim” à revelação de Deus.

Para os Cristãos o objeto da fé é o Deus que se revela em Jesus, o Cristo. Fé designa o ato de crer, de confiar em alguém. É o ato de crer em Deus com uma confiança maior, também o termo fé indica aquilo em que se crer e cujo conteúdo é mais ou menos extenso e diversificado. É esta a acepção da palavra crença na história das religiões dos diversos povos. No âmbito religioso, não há posição de contradição entre fé e ciência, fé e razão. Esta fé baseia-se na Palavra de Deus que anuncia e promete.

O risco é um elemento inseparável da verdadeira experiência religiosa, da fé. *“Sem risco, não existe fé, e quanto maior o risco, tanto maior é a fé”*. A fé é um risco por que requer a adesão pessoal à afirmação que objetivamente, não representa nenhuma garantia, estando ao contrário em acentuado contraste com os critérios normais da verdade. Apesar da fé ser um risco, a sua aceitação não é irracional: *“Aquele que crê não só tem, mas também usa a razão, resposta às crenças comuns e não atribui à falta de razão se alguém não é cristão, mas no que*

*se refere à religião cristã, ele crê contra a razão e, neste caso, usa a razão para certificar-se de que crê contra a razão”.*

*A fé deve ser ajudada pela razão, cabendo “aqueles que são dotados dos dons superiores do espírito e especialmente da palavra, da sabedoria e da ciência o cuidado de procurar as razões das suas afirmações”<sup>14</sup>.*

Fé e conhecimento são dois momentos inseparáveis, mas distintos, da sabedoria cristã, enquanto descobre as razões de sua verdade, a fé torna-se conhecimento: isto é, momento superior da sabedoria que engloba a fé e as razões da fé.

---

<sup>14</sup> <sup>14</sup> ZILLES, Urbano, op. cit., p. 38

## **V - MOMENTO**

### **5. CONCEITOS DE FÉ E RAZÃO:**

#### **TOMÁS DE AQUINO**

O problema das relações entre fé e razão, tratado desde os inícios da filosofia Cristã, é retomado por Tomás de modo novo, mais sistemático e mais completo.

De Clemente de Alexandria em diante, a razão tinha sido posta a serviço da fé para explicá-la e torná-la inteligível. A solução de Clemente encontrara sua formulação conclusiva em Anselmo.

Com Abelardo, as relações entre razão e fé começam a ser interpretadas de modo diferente: a razão separa-se da fé e assume uma posição de crítica em relação a ela. Com esta posição prepara o futuro conflito entre saber humano e saber religioso.

O conflito torna-se real no tempo de Tomás de Aquino, quando a interpretação averroísta de Aristóteles coloca muitos filósofos na penosa situação de negar pela razão o que crêem pela fé.

Alguns (os averroístas latinos) procuram contornar o conflito recorrendo à teoria da dupla verdade: é verdadeiro, mas de modo diverso, tanto o que ensina a razão quanto o ensino a fé.

Na luta contra os verroístas, que esvaziam a fé do todo conteúdo racional e expõem a razão a uma angustiante crise religioso. Tomás desenvolve sua doutrina das relações entre fé e razão, baseando-se nos seguintes princípios.

Fé e razão são modos diferentes de conhecer: a razão aceita a verdade por causa de sua evidência intrínseca; a fé aceita a verdade por causa da autoridade de Deus revelante. Consequentemente, a filosofia e a teologia são ciências diferentes.

*Cumpro saber há dois gêneros da ciências. Uma parte de princípios conhecidos à luz natural do intelecto, como a aritmética, a geometria e semelhantes. Outras provêm de princípios conhecidos por ciência superior, como a teologia<sup>15</sup>.*

Mesmo quando a razão tem deus como objeto, o seu conhecimento permanece distinto do da fé porque é obtido “através das criaturas.” As criaturas levam ao conhecimento de Deus ‘como o efeito leva à causa,’ mas deste modo se chega a “conhecer de Deus (somente) o que necessariamente lhe convém como princípio de todos os seres.”

Fé e razão, filosofia e teologia não podem contradizer-se porque Deus é seu autor comum. Logo, a verdade de razão não pode jamais entrar em conflito com a verdade revelada a verdade não pode jamais contradizer a verdade. Quando aparecer uma oposição, é sinal de que não se trata de verdade, mas de conclusões falsas ou não necessárias.]

Não só existe contradições entre fé e razão, entre filosofia e teologia, como também existe afinidade, porque “nas coisas conhecidas pela razão natural existem semelhanças com as que são adquiridas mediante a fé.” Por isso, a filosofia “contém analogias das coisas conhecidas pela fé (...). se encontra, portanto, alguma coisa contrária à fé nas afirmações dos filósofos, não se deve atribuir isso à filosofia, mas a um mau uso da filosofia devido alguma falha da razão.”

Embora a razão seja suficiente para conhecer as verdades fundamentais de ordem natural e seja autônoma no estudo das coisas naturais, ela é incapaz, por si só, de penetrar nos mistérios de Deus, que é o seu bem último. E mesmo aquelas verdades que a razão pode atingir sozinha, nem todos chegam a

---

<sup>15</sup> MORDIM, Battista, Curso de Filosofia – Os Filósofos do Ocidente, p. 172

conhecê-las, e o caminho que elas conduzem não é livre de erros, por isso, Deus veio benignamente ao encontro do homem, com sua divina revelação.

Agora, tendo a revelação indicada à razão onde se encontra a verdade, o filósofo sabe para onde dirigir suas pesquisas. Compete-lhe tornar intrinsecamente evidente aquilo que, guiado pela fé, já sabe que é verdadeiro.

Por outro lado, a razão pode prestar um precioso serviço à fé, e isto de três modos:

Demonstrando aquelas coisas que são preâmbulos da fé;

Por meio de certas semelhanças, as coisas que pertencem à fé;

Pondo-se às coisas que são ditas contra à fé por isso, Tomás chama a filosofia de “serva da teologia.”

#### **ANSELMO DE AOSTA.**

A relação entre fé e razão é expressa com as palavras “creio para entender”. O aforismo quer destacar duas coisas: primeiramente, a necessidade da fé para o conhecimento da verdade religioso e oral, daqui a importância do credo. Em segundo lugar, a necessidade de usar a razão para que a adesão à fé não seja cega e meramente passiva: daqui a importância da inteligência.

*As verdades religiosas e morais não podem ser apreendidas a não ser pela fé. Mas, uma vez de posse delas pela fé, temos o dever de compreendê-las e demonstrá-las. “o que cremos pela fé a respeito da natureza divina e das pessoas dela, afora a encarnação, pode ser demonstrado com razões necessárias, sem se recorrer à autoridade da escritura.” A própria encarnação é apresentada por Anselmo, no escrito dedicado a este tema (Cur Deus Homo) como uma verdade que a razão que a razão pode atingir por si mesma: de fato, é inegável que os homens não poderiam ser salvos de Deus não se tivesse encarnado e não tivesse morrido por eles; por outro lado, Deus não podia deixar o paraíso vazio<sup>16</sup>.*

## **BOAVENTURA DE BAGNOREGIO.**

Segundo Boaventura, a razão é subordinada à fé, a filosofia à teologia mesmo sem a fé, a razão poderia conhecer as verdades mais importantes da ordem natural. Mas, de fato, historicamente, a razão sozinha jamais chegou a descobrir a verdade sobre Deus e a alma. Ela só pode consegui-lo guiada pela fé.

Boaventura sustenta dedicadamente que o homem não pode construir uma metafísica adequada se a filosofia não se deixar guiar pela luz da fé. Os filósofos pagãos, privados da luz da fé, caíram em grandes erros: eternidade do mundo, negação da providência divina, etc. Aristóteles cometeu erros mais graves do que plantão; por isso, na escolha entre Aristóteles e Platão, a preferência é pelo último.

*Na obra De reductione artium adtebologiam, Boaventura mostra que todas as ciências, as artes e, sobretudo, a filosofia tem necessidade da teologia como seu complemento necessário. Somente na teologia atingem elas a perfeição. A filosofia deve, por isso desenvolver-se dentro e não fora da teologia. Separar a filosofia da teologia é a maior justiça que se pode fazer à filosofia, porque significa condená-la a uma inevitável e perpétua incerteza<sup>17</sup>.*

## **PEDRO ABELARDO:**

Para Abelardo, a fé no que não se pode entender é uma fé puramente verbal, carente de conteúdo espiritual e humano. A fé, que é um ato de vida, é inteligência do que se acredita. Portanto, se a fé não é um empenho cego que pode também dirigir-se a preconceitos e erros, deve também ser submetida ao exame da razão.

*Há uma continuidade entre o mundo da razão e o mundo da fé. Conseqüentemente, as doutrinas dos filósofos afirmam substancialmente o mesmo que se encontra nos dogmas cristãos, ou que os filósofos antigos devem ter sido inspirados por Deus como os profetas do Antigo Testamento<sup>18</sup>.*

---

<sup>16</sup> MORDIM, Battista, op. cit., p. 155-156

<sup>17</sup> MORDIM, Battista, op. cit., p. 188-189

<sup>18</sup> SANTIDRIÁN, R Pedro. Breve Dicionário de Pensadores Cristãos, p. 11

## **PIO XII**

A fé não humilha a razão, mas honra-a e sublima-a, porque é suma glória do progresso d civilização humana facilitar à fé sua evangélica via no mundo. A fé não é soberba, nem é senhora que tiraniza a razão, nem a contradiz; o selo da verdade Não é de modo diverso impresso por Deus na fé e na razão. Mas, longe de dissentir, reciprocamente, ajudam-se, já que a reta razão demonstra os fundamentos da fé e ao seu lume esclarece os termos, e a fé preserva de erros a razão, livra da queda e ensina com conhecimentos múltiplos.

## **JOÃO SCOTO ERÍGENA.**

A sede de saber é uma tendência inata no gênero humano. Até a vinda de cristo os homens ignoravam a maneira de satisfazer esta sede. Desde a encarnação de Cristo, porém, a razão deixou de ser o meio único para a aquisição do conhecimento. Posto que a natureza, que bebe apenas da fonte da razão, conduza ao conhecimento do criador e Redentor, Cristo exige que seus discípulos venham dessedenta-se na fonte da fé, que é o elo de união com ele. Todavia, esta exigência não exclui a razão, pois à fé devem seguir-se não só as obras correspondentes, como compreensão da própria verdade.

Para ele a razão deve dobrar-se exclusivamente à fé ou à revelação divina, mas não a autoridade (humana), pois autoridade não é fé. A autoridade humana não passa de um resultado da interpretação da revelação pelos santos Padres, ou mais precisamente, de sua reflexão racional sobre os dados revelados. A razão, porém, é falível.

*A fé vem primeiro, mas a razão é, para o homem, igualmente necessária, pois com ela clarifica e entende os conteúdos da fé. Erígena defende a liberdade de investigação e a autonomia da reta razão, pois as verdades da fé e da razão são as mesmas, já a autoridade ou confirma esta identidade ou coloca-se à margem do verdadeiro conhecimento<sup>19</sup>.*

---

<sup>19</sup> ZILLES, Urbano, *Filosofia da Religião*, p. 47-48

## CONCLUSÃO

Ao iniciar esta monografia foi muito difícil, pois surgiu dois sentimentos: um de não conseguir materiais de pesquisa suficientes e o outro a insegurança, aquela sensação “de que não vou conseguir”, mas ao começar algumas leituras pude ver o quanto o tema que escolhi era bom, porque era algo que eu gostava, tanto é que cada dia que passava eu me via mais envolvida neste trabalho, e comecei a fazer minhas primeiras anotações.

Então pude concluir que de fato a fé é algo mais do que aquilo que eu conhecia, e que de fato ela tem tudo haver com a razão, assim como a filosofia tem haver com a teologia.

Um exemplo de fé foi deixado por Santa Mônica que mostrou sua perseverança diante de tantas dificuldades, mostrou que para Deus nada é impossível, que crendo no verdadeiro amor que é Deus, é que chegamos onde queremos; ela que pediu através de suas orações, incansavelmente, acreditando que um dia seu filho iria mudar, deixar de ser jovem rebelde, inconformado e descrente, que tantas mágoas e tristezas já havia lhe causada um dia seria um homem de fé, chegando até a conversão.

Pois sabemos que muitas vezes somos fracos e descrentes e que na maioria das vezes agimos pela emoção e não pela razão e através dessas experiências e que podemos ver que realmente fé e razão são inseparáveis, uma completa a outra.

Como podemos viver somente pela razão ou somente pela fé? O problema maior hoje é que o ser humano peca e peca muito, não teme a Deus, e nem tão pouco se arrepende de seus pecados, e deixamos Deus em segundo plano.

Através da realização dessa monografia e do trabalho que realiza na Igreja como Catequista pude ver o quanto a fé é importante, o quanto é bom reconhecermos a Deus como “único”, como aquele que tudo dá e nos quer bem , e que sem ele nada somos.

É preciso rezar, pois rezando estamos falando com Deus, estamos alimentando e sustentando nossa fé, nós rezamos para louvar a Deus e agradecer-lhes alguns favor recebido ou para pedir-lhes alguma graça. É necessário que antes de fazermos pedidos na oração, é bom que façamos um exame de consciência, para verificar se somos dignos de receber a graça que desejamos.

Fé não é acreditar em superstições que não vêm de Deus, como : horóscopo, correntes, figas, ferraduras, arruda, defumações, mau olhado, banho de descarga, feitiços, despachos ou coisa semelhante, pois essas superstições enfraquecem a nossa fé em Deus isso só faz com que diminuam a probabilidade de alcançarmos as graças que pedimos na oração.

Deus não falha, nós é que muitas vezes falhamos ,porque não temos as disposições de alma que nos tornam dignos de receber a graça que pedimos. É por isso que o ato pelo qual no entregamos a Deus sempre foi considerado pela igreja como um momento de opção fundamental, que nos envolve inteira, pois é a fé que nos permite a exprimir da melhor forma a nossa própria liberdade.

Infelizmente hoje, cria-se uma Igreja a cada esquina, será que as pessoas estão comercializando a fé? Existem falsos profetas prometendo a salvação; com essa maneira errada de usar a palavra de Deus, a fé dos fiéis vai se tornando incrédula, fazendo com que as pessoas se afastem de Deus.

Jesus subiu ao céu mas deixou os ensinamento que foram escritos no novo Testamento, deixou também vários meios de salvação. Para proclamar os seus ensinamentos e administrar os meios de salvação, Jesus fundou uma associação, chamada Igreja, e a ela deu uma estrutura, um organização que podemos comparar a um corpo, um corpo família ou a um povo, por isso a Igreja é chamada também corpo místico de Cristo, família de Deus ou povo de Deus. Sabemos que a autoridade suprema da Igreja é o próprio Jesus; mas foi deixando um homem para representá-lo chamado papa; além dele existem bispos, padres, religiosos e uma grande multidão de cristãos batizados.

Se temos fé não há necessidade de estarmos mudando de Igreja, de religião, Deus é um só e não é a religião nem tão pouco a Igreja que irá nos salvar. O que nos salva é nossa própria fé, é acreditarmos que Deus é onipotente e salvador.

O homem, por sua natureza, procura a verdade, esta busca não se destina apenas à conquista de verdades parciais, físicas ou científica, não busca só verdadeiro bem em cada uma das suas decisões. Mas a sua pesquisa aponta para uma verdade superior que seja capaz de explicar o sentido da vida, essa força superior é Deus. Não existe nada nem ninguém mais que Ele.

Em Deus reside a origem de tudo, nele se encerra a plenitude do mistério, e isto constitui sua glória, ao homem, pelo contrário, compete o dever de investigar a verdade com a razão, e nisto está a sua nobreza.

A fé é algo muito forte, muitos dizem “ter” fé, mas será que tem mesmo? Até que ponto vai a fé do ser humano? Será que somos capazes de oferecer um filho nosso ao sacrifício como prova de nossa fé como fez Abraão? Será que se Jesus chegar em nossa casa em forma de um peregrino e dizer “Eu sou Jesus” acreditaremos, é por essa razão que a fé é algo mais do que só dizer “eu tenho fé”, nossa fé não começa do nada, do de repente ou de qualquer jeito, para crermos temos que nos preparar espiritualmente, temos que aceitar Jesus, redimir de nossos pecados e abrir nosso coração para que nossa alma seja purificada.

Foi pela fé que Noé, avisado por Deus de acontecimentos que ainda não eram vistos, construiu, com piedoso temor, uma arca para salvar sua família, condenou o mundo por sua fé, e tornou-se herdeiro da justiça que se obtém pela fé.

Foi pela fé que Abraão, posto à prova, ofereceu Isaac em sacrifício.

Foi pela fé também que Sara, que tinha sido estéril, recebeu o dom de conceber, se bem que houvesse passado da idade. Porque ela creu na fidelidade d’Aquele que lhe fazia a promessa. Todos eles, mereceram pela fé o bom testemunho de Deus, receberam o cumprimento da promessa. Porque Deus tem em vista, em relação a nós, algo de melhor, a fim de que nós obtivéssemos a perfeição da felicidade.

Como fez Santo Agostinho que chegou a conversão. Desde a conversão, Agostinho se propôs a atingir, pela fé na Escrituras, o entendimento

daquilo que elas ensinam, colocando a fé como a via de acesso à verdade eterna. Mas, por outro lado, sustentou que a fé precedida por certo trabalho da razão. Ainda que as verdades da fé não sejam demonstráveis, isto é, passíveis de prova, é possível demonstrar o acerto de se crer nelas, e essa tarefa cabe à razão. A razão relaciona-se, duplamente com a fé: precede-a e é sua consequência.

Mas o que é realmente uma conversão? Através do desenvolver deste trabalho, pude entender o que é “conversão”. Conversão é um chamado para “ser”. Vive-se uma conversão 24 horas por dia, todos os dias. Quem vive sua vocação, vive para servir e para o Reino de Deus. É importante perceber que o chamado para esta ou aquela vocação depende exclusivamente da vontade de Deus. A chave da felicidade é seguir o chamado de Deus, seja ele qual for. Diz o ditado que “Deus dá o frio conforme o cobertor”. E é verdade. Deus, que nos criou, nos conhece o suficiente para saber qual caminho nos fará felizes.

Aprendi que Santo Agostinho se tornou santo não porque realizou milagres, mas porque dedicou sua vida ao estudo, ao conhecimento e a propagação da fé. Dedicou sua vida após a conversão à Igreja e a comunidade. Mas santos são pessoas como nós, que escolheram seguir o caminho de Cristo, apesar de que o caminho que conduz a Cristo não era igual para todos, portanto, Santo não é só aquele que faz milagres.

Alguns enfrentaram sofrimentos enormes, torturas e até a morte para que renunciassem à sua fé. Eles preferiam morrer a fazê-lo. São os santos Mártires, como santa Bárbara, santa Cecília, são Lourenço, são Sebastião e muitos outros.

E há os que se santificaram por terem vivido uma existência de pureza e simplicidade, entregues à oração, à devoção e à adoração, como por exemplo, santa Terezinha do Menino Jesus.

Quando vimos tantos esforços, tanta dedicação, tantas provações como as que acabei de citar é que podemos ver o quanto à fé é importante e o quanto se exige momentos de reflexões, de paz interior e acima de tudo de preparação da alma para se ter realmente a fé verdadeira.

Para santo Agostinho, Deus é poder racional infinito, eterno, imutável, simples, espírito, pessoa, consciência, o que era excluído pelo platonismo. Deus é ainda ser, saber e amor.

O problema é que a maioria de nós não consegue confiar que Deus fará realmente o que, na Bíblia, Ele promete fazer. A Bíblia afirma: "O justo viverá por fé"(Romanos 1:17) e "sem fé é impossível agradar a Deus". ( Hebreus 11: 6).Portanto, isso é mais uma prova de que o objeto de nossa fé, é Deus. Uma vez que entendamos quem é Deus, que além de santo e justo, Ele é amoroso, perdoador, sábio e cheio de misericórdia e temos que confiar nEle.

Conforme diz na Bíblia, Deus nos ama incondicionalmente. Em outras palavras, não importa o que eu faço as escondidas ou abertamente, ele sempre vai nos amar. Se entendermos dessa forma, poderemos ir a ele pedindo perdão por nossos pecados e confiando inteiramente nossa vida a ele; ou seja nos entregando a ele de corpo, alma e coração.

Muita gente tem medo de Deus, acham que ele é um grande mistério Cósmico, um super-policia escondido atrás da última nuvem com um radar espiritual, esperando que desobedeçamos a lei para nos castigar. E por isso não se dispõem a entregar-lhes suas vidas, com medo. Tudo isso é tolice, e quem pensa maneira está se afastando cada vez mais de Deus, essa é o que chamamos de prisão, e só a fé, nos liberta e nos leva ao encontro do pai.

À medida que nós exercitamos nossa fé num Deus ilimitado e lançamos mão de nossos recursos ilimitados, começaremos a experimentar a vida plena e significativa que só Jesus veio nos oferecer.

A razão é tão importante para nós, assim como a fé, a esperança, a caridade e o amor. Após fazer esta monografia pude aprender um pouco mais sobre minha vida, refletir sobre a realidade em que vivo e também sentir que nossa esperança é reforçada pela nossa fé , pois por tudo que vi e aprendi no decorrer deste trabalho, tenho a certeza que Deus esta acima de tudo. Foi com muita fé que consegui chegar onde estou hoje.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### Obras de Referência

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. 2ª ed. Trad. Alfredo Bosi. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

JAPIASSU, Hilton & MARCONDES, Danilo. *Dicionário Básico de Filosofia* – Jorge Zahar Editor 2ª ed.– Rio de Janeiro.

SANTIDRIÁN, R Pedro. *Breve Dicionário de Pensadores Cristãos*. Ed. Santuário – Aparecida S.P. – 1997

### Bibliografia

BIGNOTTO, N. *O Conflito das Liberdades: Santo Agostinho* : In: Síntese 19 (58): 354, 1992.

CARTA ENCÍCLICA – *FIDES ET RATIO* – *Sobre as Relações entre Fé e Razão* – escrita por João Paulo II - 4ª edição.

COSTA, Nunes , M.R. Santo Agostinho: *Um Gênio Intelectual a Serviço da Fé* – Porto Alegre – 1999.

CHINIGO, Michael – PIO XII – *E os problemas do mundo moderno* – trad. E adap. Do Pe. José Martins – 2 ed.

FIORI, E. de, Santo Agostinho: *História e Escatologia*. Em Síntese ( 30,1984).

FRAGMENTOS DE CULTURA, *Revista do Instituto de Filosofia e Teologia de Goiás IFITEG* – Goiânia, Julho 1993 – Ano 3 nº6.

MONDIM, Batista – *Curso de Filosofia – Os Filósofos do Ocidente* – Vol. 1

OLIVEIRA, Manfredo Araújo de, *Diálogos entre Razão e Fé*. São Paulo: Paulinas 2000 ( Coleção Pensamento Filosófico)

REALE, Giovanni & ANTISERI. Dário. *História da Filosofia: Antigüidade e Idade Média*. 6ª ed., São Paulo: Paulus – 1990 Vol.1.

SANTO AGOSTINHO. *As Confissões*. São Paulo: Abril Cultural . 1973 (Coleção os Pensadores)

SANTO AGOSTINHO. *Confissões*. Trad. Por Maria Luiza Jardim Amarante, São Paulo: Paulinas, 1984.

SOUZA, José Zacarias de. *Agostinho – Buscador Inquieto da Verdade* – Porto Alegre – EDIPUCRS - 2001 (Coleção Filosofia – 124)

TELES, Maria Luiza Silveira. *Filosofia para Jovens –Uma iniciação à filosofia* 9ª ed. – Petrópolis , RJ: Ed. Vozes 2001.

ZILLES, Urbano. *Filosofia da Religião*. 3ª ed. São Paulo: Paulus, (Coleção Filosofia) 1991.

## Internet

[www.mundodosfilósofos.com.br](http://www.mundodosfilósofos.com.br)

## **BIOGRAFIA DO ALUNO**

Em 10 de janeiro de 1967 nascia na cidade de Água Branca, Estado da Paraíba, Maristela Nunes de Menezes, filha de José Pereira de Menezes e Maria Liene Nunes, ambos natural do Estado da Paraíba.

Seus pais mudaram-se para São Paulo acompanhados de seus dois filhos mais velhos e da pequena Maristela com apenas 08 meses de vida e passaram a residir na pequena e pacata cidade de Jandira na grande São Paulo.

No início de sua nova morada, seu pai começou a trabalhar de Pedreiro e sua mãe era costureira, quando as coisas foram se ajeitando, seu pai arrumou um serviço melhor e começou a trabalhar como Mecânico de Refrigeração, foi quando nasceram os outros três filhos mais novos, formando oito membros na família.

Aos seis anos, a pequena Maristela inicia sua vida escolar, fazendo o jardim da infância na Escola Municipal Professor Rafael Gióia Martins, nesta mesma época seu avô materno falece e ela vai morar com a avó para ser sua companhia.

Concluiu na Escola Estadual Osvaldo Sammartino da 1ª até a 6ª série, com 08 anos de idade faz sua Primeira Eucaristia na Paróquia Nossa Senhora Aparecida com o vigário Pe. Ângelo Giuseppe Bertoli no ano de 1975.

Aos 11 anos de idade, perde seu pai num trágico acidente onde ficou totalmente queimado vindo a falecer na cidade de Santa Catarina no Rio Grande do Sul, em 20 de janeiro de 1978. No decorrer dos dias, as coisas foram ficando complicadas, as crianças foram crescendo e as necessidades foram surgindo. Sua mãe, vendo-se em situação difícil com seis crianças todos menores, resolve mudar-se para Goiás.

Em 20 de dezembro de 1982, viajam todos inclusive a avó. De início, quando chegaram na pequena cidade de Nova Glória, recém emancipada, sem asfalto, muito mato, havia criação de animais por toda parte, só foi choro, pois seria outros costumes, uma nova adaptação e novas pessoas. Maristela passou então a morar com sua mãe, seus irmãos e sua avó até separarem a casa.

Maristela e seus dois irmãos mais velhos foram matriculados no Colégio Estadual de Nova Glória, onde ela concluiu o 1º grau e fez até o último ano do 2º grau. Neste meio tempo, Maristela já com 16 anos conhece um jovem da mesma idade e começam a namorar no dia 12 de junho de 1982, namoram durante 3 anos e estudam juntos no mesmo Colégio e na mesma sala, quando ela chega na etapa final de conclusão do 2º grau, adoece , pega uma pneumonia que vira uma tuberculose impossibilitando-a de concluir o último ano do 2º grau, em 1989.

Casou-se com 19 anos com o jovem Valdemir Cunha Moraes em 19 de Julho de 1986, quando passa a assinar Maristela Nunes Meneses Moraes. No decorrer dos anos nasce em 24 de outubro de 1987 o pequeno Luiz Fernando Nunes Moraes, quando este completa 3 anos, sua mãe inicia sua vida profissional, tendo que deixá-lo com sua mãe para trabalhar, em 13 de Fevereiro de 1990, começa a trabalhar como Chefe de Gabinete da Prefeitura Municipal de Nova Glória, mesmo assumindo um cargo de confiança, prestou Concurso Público em 02 de maio de 1990 e foi aprovada, no cargo de Auxiliar Administrativo II, mas continuou assumindo a Chefia de Gabinete, mas passando algum tempo engravidou novamente tendo no dia 19 de março de 1991 a pequena Jessika Lorena Nunes Moraes, retornando da licença maternidade, volta para a Prefeitura não mais como Chefe de Gabinete e sim como Chefe do Departamento de Pessoal, onde trabalhou durante 8 anos.

Em 1997, na mudança de Prefeito começa então as implicações políticas, Maristela começa a assumir seu cargo de Concurso e passa a trabalhar como Auxiliar Administrativo II na secretaria da Escola Estadual Várzea Alegre no período de 3 anos.

Devido mandato de prefeito mau administrado, cheios de turbulências e sofrimentos, ocorrer uma Intervenção Estadual na Prefeitura Municipal de Nova Glória, Maristela foi chamada pelo interventor Paulo Hélder Martins à assumir novamente a Chefia do Departamento de Pessoal até o término da intervenção.

Prestou vestibular em dezembro de 1997 na cidade de Rubiataba a 34 Km de Nova Glória , foi aprovada , iniciando seus estudos em 1998 na FACER, Faculdade de Ciências e Educação de Rubiataba no curso de Filosofia.

No decorrer do curso passou por várias dificuldades, entre elas falta de transporte, dificuldade para pagar as mensalidades, devidos aos 06(seis) meses de salário atrasado, e o mais difícil ter que deixar seus filhos sozinhos todos os dias para ir estudar., houve muitas dificuldades, mas hoje, já na etapa final, olhando para trás, vê que tudo valeu a pena. Sem falar no lado bom, conheceu várias pessoas, teve apoio por parte da Direção da Faculdade em alguns momentos difíceis, dos professores que se colocam a disposição a qualquer momento para ajudar e tirar as dúvidas, cada qual com um carisma mais especial que o outro, pois no decorrer deste curso passaram excelentes professores, e principalmente dos amigos. Amigos esses que ficarão guardados do lado esquerdo do peito debaixo de sete chaves.

Hoje, assume o cargo de Diretora Administrativa na Câmara Municipal de Nova Glória. Atua como catequista do Crisma na Paróquia Nossa Senhora da Glória, em Nova Glória, e está na etapa final de seu curso de filosofia, hoje vê o quanto este curso está sendo bom para seu desempenho tanto na Igreja, na sua vida profissional e com a comunidade, pois vê a filosofia com olhos diferentes, sabe a importância que ela tem na vida do ser humano, pois o "filosofar" faz parte de todo e qualquer ser humano, desde o momento de seu nascimento.

"Eu sei que o grande tema da vida  
é a luta e o sofrimento".

(Charles Chaplin)

## **ANEXO**

## CRONOLOGIA

ANO	IDADE	
354	00	13 de Novembro, Nasce em Tagaste
365	11	Inicia os cursos de educação geral em Madaura.
370	16	Volta a Tagaste.
371	17	Transfere-se para Cartago, a fim de estudar Retórica e artes Li.
372	18	Morre o seu pai, Patrício. Apaixona-se e junta-se a uma mulher.
373	19	Lê "O hortênsio". De Cícero. Torna-se maniqueu (seita filosófico-religiosa). Provável nascimento de Adeodato, seu filho.
374	20	Regressa a Tagaste como professor de Gramática.
376	22	Morre um amigo íntimo. Agostinho vai de novo a Cartago como professor.
383	29	Vai para Roma. Onde continua a docência.
385	31	Depois de ganhar a Cátedra de Retórica da Casa Imperial, por vai para Milão. Encontra-se com Santo Ambrósio, Bispo da cidade.
386	32	Outono: <b>CONVERTE-SE Á FÉ CATÓLICA.</b> Passa alguns meses em Cassiciaco. Noite de Páscoa (24-25 de abril): É batizado em Milão. Volta a África e morre sua mãe Mônica (santa), em Óstia Tiberi de Roma.
387	33	Chega a Cartago e pouco depois a Tagaste.
388	34	Vende suas posses e funda o primeiro

		mosteiro.
391	37	É ordenado Sacerdote em Hipona.
395	41	É Sagrado Bispo Auxiliar.
396	42	Sucede ao Bispo Valério em Hipona.
400	46	Publica as "Confissões".
426	72	Publica a "cidade de Deus".
430	76	Genserico ataca Numídia e cerca Hipona. 28 de agosto. Agostinho morre em Hipona.